

# Revista Amazônia Jovem



Essa é  
a  
nossa  
canção



Aludel Editora

ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-83527-22-6

Agosto de 2025

© 2025, copyright desta edição reservado à Aludel Editora.

8ª edição

**Editor**

Thiago Silva da Costa

**Conselho Editorial**

Alan Flor

Dalva Iloana

Glenda Duarte

Thiago Silva da Costa

**Revisão**

Alan Flor

Dalva Iloana

Glenda Duarte

**Digitação**

Allan Rogério

---

COSTA, Thiago Silva da. [Editor e Organizador]

Revista Amazônia Jovem: essa é a nossa canção.

Belém, Pa: Aludel Editora, Agosto de 2025.

CNPJ: 54.649.941/0001 - 80

ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-83527-22-6

---

© Aludel Editora – Todos os direitos reservados.

Esta publicação, incluindo seus textos, imagens, ilustrações, gráficos e demais conteúdos, está protegida pela legislação brasileira de direitos autorais. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial, distribuição, armazenamento, transmissão ou qualquer outra forma de utilização do conteúdo desta revista sem a prévia e expressa autorização por escrito da Aludel Editora. A violação dos direitos autorais constitui infração civil e criminal, nos termos da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais), e demais normas legais aplicáveis. A Revista Amazônia Jovem é uma publicação da Aludel Editora, que detém todos os direitos sobre seu conteúdo editorial e gráfico.



# Revista Amazônia Jovem

## Sumário

<b>Apresentação</b> .....	6
[Thiago Silva da Costa]	
<b>Música e memória</b> .....	9
[Alan Flor]	
<b>Because of you</b> .....	12
[Ana Bárbara dos Santos de Souza]	
<b>Lembranças</b> .....	14
[Ana Julia Lima]	
<b>Uma vida musical</b> .....	15
[Bruno Pinto do Rosário]	
<b>Samba in Paris</b> .....	17
[Thyfani Nycolly Botelho Conceição]	
<b>Preciso me encontrar</b> .....	18
[Adiellen Pereira]	
<b>Tempo perdido</b> .....	19
[Alicia Syang]	
<b>O caderno</b> .....	20
[Ana Beatriz R. Monteiro]	

# Revista Amazônia Jovem

**Todo homem** ..... 21

[Ana Clara]

**O Sol e a Lua** ..... 22

[Arianne Rafaele]

**A morte do autotune** ..... 23

[Carlos Michell da Silva Alves]

**Metamorfose ambulante** ..... 24

[Ellen Gabriele P. Moraes]

**Domingo de manhã** ..... 25

[Guilherme Nascimento]

**Nem se despediu de mim** ..... 26

[Henrique Gabriel]

**Jesus chorou** ..... 27

[Jhonata Henrique]

**Moldura de um retrato** ..... 28

[Karolyne Mendes]

**Rei e santo** ..... 29

[Laila Lorrani]

**Exagerado** ..... 30

[Livia Beatriz]



# Revista Amazônia Jovem

<b>Visceral</b> .....	31
[Maria Eduarda]	
<b>Love</b> .....	32
[Mariane Teixeira]	
<b>Eleanor Rigby</b> .....	33
[Paulo Victor da Silva]	
<b>Naquela mesa</b> .....	34
[Rebeca Libório]	
<b>Eu tenho você</b> .....	35
[Tayla Emanuela]	
<b>Naquela mesa</b> .....	36
[Wanessa Grazielly]	
<b>Edições anteriores</b> .....	37

# Revista Amazônia Jovem

## Apresentação



Uma melodia tem o poder de despertar em nós os mais variados sentimentos. A música é uma linguagem que transcende as barreiras impostas pelo tempo e pode ser considerada um idioma universal, ao lado da matemática, que lhe serve de instrumental. Todos os povos tiveram e continuam tendo suas formas de musicalidade e, muitas vezes, ela é considerada como algo sagrado, pois sua energia vibratória pode conduzir ao êxtase religioso e despertar percepções que estão ligadas ao campo da espiritualidade.

Inúmeros pensadores atribuem a ela uma primazia que a destaca como uma expressão diferenciada. É o caso do filósofo Platão, que considerava a música uma linguagem relevante à paidéia da República, atribuindo a ela uma expressão do caráter do cidadão. Arthur Schopenhauer defendeu que a música poderia traduzir a raiz metafísica do mundo, sendo ela a expressão da Vontade. Para Nietzsche, a música é um elemento fundamental para a própria vida, sendo que sua presença representa o sentido da existência, pois sem ela a vida seria um erro.

Por experiência própria, podemos constatar que as músicas nos servem de referência em variados momentos de nossas vidas. Elas evocam lembranças de instantes que vivemos e chegam até mesmo a ser consideradas “trilhas sonoras” que marcaram uma época de nossa existência. Se uma dessas músicas toca, imediatamente ela nos transporta a uma situação vivenciada, o que revela a sua importância como elemento emocional. Tem pessoas que gostam de estudar enquanto ouvem música, e isso pode resultar em um ganho significativo da aprendizagem, uma vez que as melodias despertam em nós a sensibilidade que aguça a criatividade e estimula a imaginação.

Há um estudo significativo no campo das neurociências a respeito da influência terapêutica da música, que comprovou que os sons, em suas vibrações, das mais sutis às mais estrondosas, podem influenciar os organismos. Entre estas pesquisas, destaco as tentativas do japonês Masaru Emoto, nas décadas de 1990 a 2000, em comprovar a influência das melodias e de determinadas palavras na formação de cristais de gelo. Sob determinadas condições, observadas em laboratório, o cientista expunha um reservató-

rio de água ao campo vibratório de determinadas melodias, tais como música clássica e heavy metal. Após essa experiência, ele congelava a água e verificava, por meio de microscópio, como os cristais de gelo tinham se formado e, em seguida, os fotografava.

De acordo com os resultados de sua pesquisa, a água exposta a sons agradáveis e palavras positivas tinha formado cristais simétricos e harmoniosos, enquanto aquelas que haviam sido sujeitadas a sons depreciativos e melodias grosseiras eram diferentes e apresentavam um aspecto assimétrico. Polêmicas à parte sobre o que é ou não belo para o ouvinte estético, as investigações de Emoto trazem a implicação de que os sons podem influir sobre o aspecto fluídico da água e o corpo do ser humano, uma vez que este é constituído, em sua boa parte, deste elemento.

Esse conhecimento já existe há muito tempo nas culturas religiosas. As meditações dos monges tibetanos, que entoam seus sons meditativos, os mantras presentes na doutrina hindu e a ideia do som primordial, os louvores cristãos, os salmos cantados pelos judeus, estão entre alguns dos diversos exemplos desse legado cultural que são as músicas. A cultura amazônica também tem a sua importante contribuição nesse cenário e, para nós, amazônidas, constitui elemento de vinculação afetiva à nossa terra, veículo do imaginário religioso, como fica claro nas nossas músicas regionais. Entre os povos originários da Amazônia, a música assume aspecto anímico, confundindo-se aos próprios sons da floresta e dos animais e, herança cultural de grande valor, como fica claro nos esforços de pesquisa de Bruno do Rosário, um de nossos escritores convidados desta edição.

Quando propusemos aos nossos jovens o tema “ESSA É A NOSSA CANÇÃO” para esta 8ª edição, percebemos uma fervorosa adesão por parte deles e uma inquietação a respeito de quais músicas eles deveriam escolher, pois eram muitas as possibilidades. A proposta apresentada aos nossos jovens foi a de escrever sobre as músicas que nos fazem lembrar de alguém especial ou algum momento marcante, o que proporcionou a todos que participaram uma oportunidade de resgate da memória de amigos, familiares e situações vivenciadas.

Isso mostra o quanto a música é uma linguagem que move a existência humana. É o caso de Ana Júlia, escritora convidada nesta edição da Revista Amazônia Jovem, que





vai lançar pela Aludel Editora o seu primeiro livro, *Músicas que tocam o meu coração*. Nele, ela apresenta suas memórias, reflexões, desabafos e perplexidades entremeadas a um repertório que exprime a vivência de uma jovem escritora. Lembremos que a música está muito vinculada aos jovens no imaginário da cultura ocidental. Ela foi, e continua sendo, uma das principais linguagens da revolução cultural, senão a maior, que ocorreu entre os jovens na década de 50 a 70 e que viria a culminar no emblemático Woodstock Music & Art Fair, que ocorreu nos E.U.A. entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969 e, aqui no Brasil, no primeiro Rock in Rio, em 1985.

E, com esse entusiasmo juvenil, característico de nossas edições da revista, reunimos os nossos alunos, jovens escritoras e escritores da escola pública de Belém do Pará, com o objetivo em comum: expressar a música como uma importante vivência. Sempre que escutamos uma música, imediatamente nos vem à mente este ou aquele momento de relevância e que nos fornece algum tipo de refrigério e ânimo para seguirmos em frente entre as adversidades do cotidiano. A música pode nos elevar a alma, possibilitar o manejo de nossas próprias emoções e pensamentos transfigurados pelo intraduzível se comparado à linguagem comum, mas que é algo que nos soa tão familiar e necessário. Essa edição celebra a música e esperamos que os nossos queridos leitores possam usufruir e se deixar enternecer pela melodia presente em cada relato de nossos jovens escritores. Boa leitura!

*Thiago Silva da Costa*  
Editor

# Revista Amazônia Jovem



## Música e memória

[Alan Flor]

**I**nstrumentais ou acompanhadas de letra. Agitadas ou calmas. Para dançar, para realizar outras atividades físicas, para ajudar a realizar a faxina da casa, para refletir ou para entrar em contato com o sublime. Para ouvir quando se está só ou quando se está muito bem acompanhado. De estilos dos mais variados gêneros. Para todos os gostos e sobre todos os temas. Música, a partir de uma definição minha muito particular, é uma necessidade humana que afeta o corpo, a mente e as emoções. De vez em quando, aciona sem permissão as nossas memórias e serve de gatilho para trazer à tona – às vezes sem que queiramos – nossas mais escondidas lembranças. Acredito que quem não ouve música, justamente pelas razões que apresentei ainda há pouco, demonstra ter alguma dificuldade para entrar em contato consigo mesmo e, por essa razão, controla-se para evitar enxergar-se – principalmente em situações de vulnerabilidade – ou exceder-se – seja em tristeza, seja em dor, seja em lágrimas, seja em alegria, seja em euforia, seja em paixão, seja em amor.

Algumas músicas que compuseram a trilha sonora de telenovelas, filmes e séries me acionam memórias e, quando não mais que de repente, me fazem lembrar de algumas dessas produções audiovisuais. Como não ouvir a música Esperando na janela, na voz de Gilberto Gil, um dos maiores intérpretes da MPB, e não se lembrar do filme Eu, tu, eles (1992)? Como não se animar ouvindo este refrão: “Por isso eu vou na casa dela, ai, ai / Falar do meu amor pra ela, vai / Tá me esperando na janela, ai, ai / Não sei se vou me segurar...”. Como não ouvir a música Encontro e despedidas, na interpretação de Maria Rita, filha de Elis Regina, e não se lembrar da abertura da novela Senhora do destino (2004-2005), de Aguinaldo Silva? Como não se recordar destes seguintes versos: “Mande notícias do mundo de lá / Diz quem fica...”.

Às vezes, algumas músicas também me fazem lembrar de algumas pessoas, lugares e acontecimentos. Não tenho como não me lembrar da minha mãe quando ouço a música Valsinha, porque mamãe sempre me dizia que de todas as composições de Chico Buarque essa era a sua preferida: “Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar...”. Do mesmo modo, não tenho como não me lembrar de Salvador todas as



vezes em que escuto a música Baianidade nagô, independentemente de quem a esteja interpretando, porque todas as vezes em que visitei a capital da Bahia essa música tocava por todos os cantos: “Já pintou o verão / Calor no coração / A festa vai começar / Salvador se agita / Numa só alegria...”. Não há como não escutar a canção Bem que se quis e não me lembrar também do encerramento do show da Marisa Monte a que fui em Belém com a minha mãe. Depois que todos os membros da banda se retiraram do palco, a cantora brasileira, iluminada por um único feixe de luz, finalizou sua apresentação cantando Bem que se quis à capela:

“Bem que se quis depois de tudo ainda ser feliz...”. Quando Marisa Monte interrompeu os vocais ainda na metade da letra da música e retirou-se do palco, a plateia, em meio às infinitas luzes das lanternas dos celulares, continuou entoando a canção até o último verso, o qual foi seguido de muitos gritos e aplausos. Foi uma das cenas mais bonitas a que pude assistir e de que pude fazer parte. Aquele momento ali parecia até que havia sido ensaiado.

Em meio a tantas músicas que são para mim significativas, há uma em especial que me sequestra da minha zona de conforto e abala em cheio as minhas estruturas psicológicas e emocionais. Quando escuto Fábio Jr. cantando Pai, não há como não me lembrar que posso até ter tido um pai biológico, um progenitor, mas, quando eu era criança e adolescente, não tive um pai de verdade. É difícil lidar com o fato de que, mesmo que eu não queira, o abandono paterno trouxe e ainda traz consequências cruéis para a minha vida. Sei que preciso ressignificar a ausência de um pai, mas entre saber o que temos de fazer e ter coragem para fazer o que sabemos que temos de fazer existe um abismo enorme.

Infelizmente, o abandono paterno não atinge apenas a mim. No Brasil, milhares de crianças recém-nascidas por ano não são registradas com o nome do pai na certidão de nascimento. Milhares de crianças e adolescentes não recebem pensão alimentícia, como se a paternidade fosse um estado civil. Muitos pais não participam da criação efetiva dos filhos e não guardam nenhuma forma de remorso por causa do abandono. Seguem o fluxo da vida normalmente.

Em contrapartida, enquanto a paternidade parece ser uma escolha, as mulheres que são mães não apenas são muito mais exigidas socialmente, como também são pouco reconhecidas pelo trabalho de criação dos filhos. Esse fato ocorre em razão da sacralização da maternidade. Dessa forma, ser mãe tornou-se fruto de um instinto, um dom na-



tural, como se mulheres nascessem com uma predisposição genética para serem mães, como se a maternidade fosse uma necessidade biológica. Porém, a partir dos estudos feministas, aprendemos que é o fator social predominantemente que ensina mulheres a serem mães. Não é à toa que, como primeiro passo na vida, meninas, desde os primeiros anos, são incentivadas a brincar de boneca. Consequentemente, muitas mulheres que se tornam mães solo ficam sobrecarregadas, pois são obrigadas a cuidar dos filhos sozinhas e a conciliar a maternidade com o trabalho remunerado e as tarefas domésticas. Para uma sociedade patriarcal, essas mulheres estão “apenas” cumprindo com uma obrigação, pois “nasceram” para a atividade de cuidado dos filhos. Quando não conseguem criar os filhos como se deve, não faltam pessoas para lhe apontar o dedo na cara. Nesse momento, quase ninguém pergunta quem é o pai.

Sinceramente, dói muito em mim pensar que se a minha vida tivesse dependido única e exclusivamente do meu pai a essa hora eu estaria morto. Ainda bem que tive uma mãe, que mesmo sozinha, mesmo muitas vezes tomada pelo cansaço e mesmo com todas as dificuldades do mundo – ainda assim – cuidou de mim. Sei que criar a mim e ao meu irmão não foi fácil. À minha mãe sou grato por não ter desistido de mim.

Do mesmo modo que mães solo, filhos de pai ausente também são vítimas do abandono e da falta de cuidado paterno. No livro *O óbvio* também precisa ser dito, Guilherme Pintto afirma algo interessante: “[o]s filhos que cresceram sem os pais possuem algo em comum: eles não tiveram nada a ver com isso”. Infelizmente, crianças e adolescentes que vivem nessa mesma situação crescem com inúmeras consequências emocionais e psicológicas, como baixa autoestima, sensação de culpa, sentimento de abandono e dificuldade de estabelecer vínculos afetivos.

Para pessoas como eu, que não tiveram um pai de verdade, não deve ser nada fácil ouvir estes versos: “Pai / Pode ser que daqui algum tempo / Haja tempo pra gente ser mais / Muito mais que dois grandes amigos / Pai e filho talvez”.

### ***Sobre o autor***

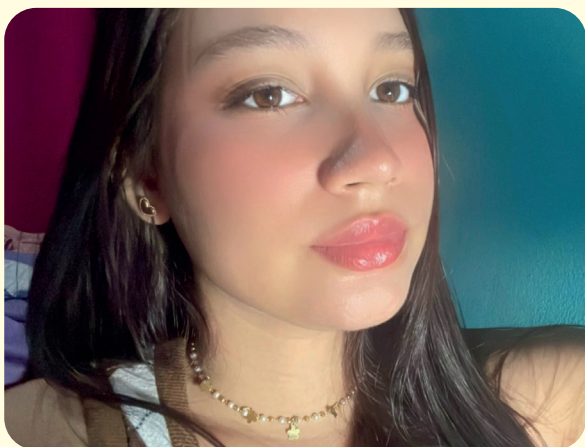
*ALAN FLOR formou-se em Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, por onde também concluiu o Mestrado e o Doutorado em Letras: Teoria Literária. Atualmente, é professor efetivo de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Belém do Pará. É membro do Conselho Editorial da Aludel Editora. É coautor e organizador dos livros JOVENS SONETISTAS (antologia poética), LIVERSOS (antologia poética) e coautor do TECITURAS LITERÁRIAS I (coletânea de artigos na área dos estudos literários). Publicou alguns poemas na antologia poética CAFÉ, PUPUNHA & POESIA. É também autor do livro MINH’ALMA INSATISFEITA (poesia). Todos esses livros foram publicados pela Aludel Editora.*

# Revista Amazônia Jovem

## BECAUSE OF YOU

*Artista: Kelly Clarkson*

[Ana Bárbara dos Santos de Souza]



Quando penso em uma música que explique exatamente como me sinto em relação à minha vida, penso em “Because of you”. Vindo de um lar cheio

de problemas, com um pai alcoólatra e agressivo que abandonou minha mãe, eu ouvia essa música quando era mais nova e sentia toda a angústia de tentar superar um trauma, de tentar

ajudar minha mãe e, ao mesmo tempo, conseguir lidar com outras pessoas. Havia toda a dificuldade de ser forte cedo demais, de tentar consertar cacos que eu não quebrei.

Por causa dele, fechei os olhos para o mundo, perdi a confiança nas vozes ao meu redor, temi todos os toques, todos os afetos. Acreditava que a qualquer instante seria deixada, como fui um dia, sentia que nunca seria o suficiente para fazer alguém ficar, já que até mesmo meu próprio pai, aquele que deveria me amar primeiro, escolheu partir e nem pensou em mudar para que pudéssemos ser uma família feliz. Eu me culpava muito. Pensava que eu tinha sido o motivo do fim do relacionamento dos meus pais, que eu era um problema e que talvez, apenas talvez, eu jamais fosse digna de amor.

Tinha medo do espelho, medo de herdar aquilo que odiava. Sempre odiei bebidas, e, quando ficava exaltada com alguma coisa, chorava copiosamente, temendo ser a sombra de quem me feriu. O pavor de repetir toda aquela história me paralisava e, assim, fui me prendendo em um casulo. Comecei a acreditar que, se eu não amasse ninguém, não haveria problemas, eu não seria magoada e também não magoaria ninguém. Mas isso também era morrer, pouco a pouco, e eu me sentia incompleta, como um livro pela metade, esperando que chegasse ao desenrolar da história.

A realidade é que eu tinha medo de mostrar quem eu realmente era para os outros;

cada passo que eu dava era planejado, para que eu não sentisse de novo o sentimento de rejeição, de abandono.

Com o tempo, percebi que as atitudes do meu pai não foram culpa minha. Foram escolhas dele, e mesmo em outras realidades, provavelmente tudo aconteceria da mesma forma. Ele nunca tentou mudar, nunca mais me procurou. E entendi que, no fundo, minha mãe sempre tentou me proteger e que, mesmo despedaçada, ela fez o melhor que pôde para me manter segura, além da minha família, que, mesmo sem saber como, tentou me salvar e esteve ao nosso lado, tentando nos ajudar.



Então percebi que, mesmo em meio ao caos, havia amor, escondido nos gestos mais simples e que recusar o amor só gera mais sofrimento, só leva à solidão. Eu não poderia fazer isso comigo mesma, não depois de tudo que sofri. Disse a mim mesma que jamais seria como meu pai, jamais deixarei que o vazio que ele deixou arranque de mim a chance de ser feliz. Escolhi a coragem. Escolhi a liberdade.

Hoje, vejo o quanto cresci, o quanto amo e sou amada. E, toda vez que ouço “Because of You”, não é mais dor o que eu sinto, é gratidão. Gratidão por ter superado os momentos sombrios, por ter encontrado o sol em meio às nuvens. Hoje vivo cercada de afeto, em um amor que cuida. Nem nos meus melhores sonhos eu imaginaria ter uma vida tão boa quanto a que tenho hoje.

Agradeço àquela minha versão do passado, frágil e valente, por não ter desistido, por ter confiado e persistido, mesmo quando tudo parecia perdido. Sem ela, eu não teria chegado até aqui, não teria descoberto que a felicidade é possível e que há sempre novos dias esperando para nascer, com coisas incríveis a serem vistas e vividas.

### ***Sobre a autora***

*Ana Bárbara dos Santos de Souza tem 20 anos de idade. Graduanda em Licenciatura em História na Universidade da Amazônia (UNAMA). Atualmente, mora em Belém do Pará e é movida por um profundo interesse pelas narrativas humanas, pela educação e pela transformação social por meio do conhecimento.*



# Revista Amazônia Jovem



## Lembranças

[Ana Júlia Lima]

A música sempre foi muito importante para mim. As minhas primeiras lembranças estão relacionadas à experiência de escutar músicas junto com os meus pais. Lembro, até hoje, qual foi a primeira música: “Time After Time”, de 1983, da cantora Cyndi Lauper. Ela é uma canção que retrata as memórias de um amor que não existe mais, porém nunca será esquecido. Eu me identifico tanto com ela, mesmo depois de ter passado muitos anos. Essa música me marcou para o resto da minha vida e foi um caminho para a minha paixão pela música.

### ***Sobre a autora***

Ana Júlia Lima estudou o seu Ensino Fundamental na Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará, de 2018 a 2024. Atualmente, cursa o 1º ano do Ensino Médio na escola Estadual Temístocles de Araújo. Ela já participou de edições anteriores da Revista Amazônia Jovem e vai publicar o seu primeiro livro, *Músicas que tocam o meu coração*, pela Aludel Editora. Ela gosta de assistir os famosos dorama e seu grande sonho é ser escritora.



# Revista Amazônia Jovem



## Uma vida musical

[Bruno Pinto do Rosário]

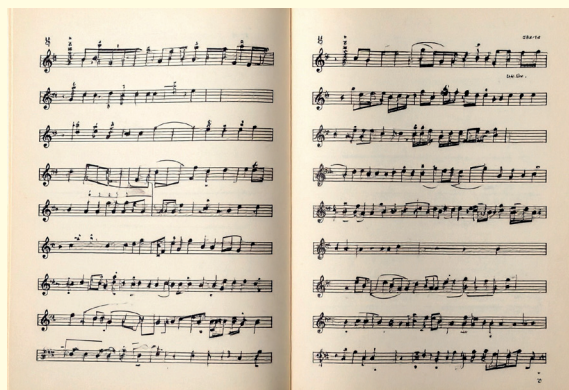
Quando eu tinha 8 anos de idade, havia tentado fazer a prova para entrar no conservatório Carlos Gomes, mas, infelizmente, por ter vergonha de cantar, não passei. A musicalização que fiz focou na execução da flauta doce, não no canto. Por conta disso, comecei um curso de canto coral no Curro Velho com outras crianças de diversas faixas etárias, e lá desenvolvi a habilidade de cantar com segurança. No fim deste

mesmo ano, fiz a prova para o conservatório e passei para cursar o instrumento flauta doce, que até então eu via como um simples instrumento, quase como um brinquedo, mas lá descobri que, na verdade, este instrumento era uma relíquia da história, com um repertório vasto e diverso, e isso foi me conquistando aos poucos.

Durante os primeiros anos, não gostava da flauta doce. Os professores cobravam muito, seja os estudos do instrumento ou os de teoria musical lá ensinada. Mudei de professores algumas vezes, sofri cobranças excessivas para tocar melhor e aprender mais. Porém, durante esse processo, eu fui chamado para participar da Orquestra de Flautas Doces da Amazônia, um grupo feito apenas por flautas doces de diversos tamanhos e sons, com flautas muito pequenas até flautas com tamanho de uma pessoa, e era muito divertido tocar músicas diferentes do habitual com essa diversidade de flautas, e isso me deu mais vontade para continuar a estudar música, fazendo-me gostar mais de flauta doce.

Passado algum tempo após eu ingressar ao grupo, fui escolhido para ir ao *IX World Flutes Festival*, que aconteceu em Mendoza, Argentina, um evento que reunia flautistas e flautas de diversos lugares. Graças ao meu professor de matemática, que mobilizou a minha escola E.E.E.I.F. Almirante Tamandaré, juntamente com colegas e professores que doaram e arrecadaram fundos para os custos e mantimentos da viagem, consegui ir acompanhado de minha mãe, que esteve presente em todas as etapas da minha vida musical. Foi uma experiência magnífica e inesquecível: de poder viajar fazendo o que eu gosto de fazer, realizando apresentações e conhecendo diversas flautas e inúmeros músicos. Um ano após

esse evento, resolvi entrar também na Escola de Música da UFPA, onde fui incentivado a aprender outro instrumento; acabei então conhecendo a flauta transversal. Apesar de eu já preferir a flauta doce a essa altura, tocar flauta transversal me ajudou a compreender melhor como deveria respirar e tocar, me ajudando significativamente em todos os aspectos como instrumentista.



O tempo passou, e, com isso, veio a pandemia e a véspera de Enem. Muitas coisas estavam acontecendo ao mesmo tempo. Junto do medo que o vírus trouxe, ainda tinha a preocupação de qual curso escolher para a faculdade. Depois de muito pensar e estudar, em 2022 fui aprovado no curso de Licenciatura Plena em Música na Universidade do Estado do Pará, e um ano depois terminei o curso básico e iniciei o curso técnico em flauta doce no conservatório Carlos Gomes. Neste momento, muitas coisas em mim mudaram ao mesmo tempo. Fui perseguido e intimidado por professores e colegas, o que me forçou a tomar decisões que nunca pensei em fazer. Estudei sem parar o instrumento que antes eu não gostava, mas aprendi a gostar e agora amo de paixão, que é a flauta doce. Toquei uma peça solo de Georg Philip Telemann, uma fantasia para flauta, na qual precisei estudar muito, e pela primeira vez me sentindo bem e feliz no palco. Acabei por enfrentar muitas dificuldades, mas durante este período conheci amigos que somaram à minha caminhada como músico.

E atualmente estou finalizando minha graduação em música com foco na minha pesquisa de flautas indígenas na Amazônia, procurando também realizar meu sonho de poder dar aulas para os ribeirinhos.

Sendo assim, finalizo este texto com esta frase: “A música é justa, transforma a alma de todos que se sujeitam a compreendê-la, foi ela quem me ensinou a enfrentar meus medos e a conseguir ser mais sensível, confiante e feliz, e me presenteou com o amor”.

### ***Sobre o autor***

*Me chamo Bruno Pinto do Rosário e tenho 21 anos de idade. Conheci a música com 6 anos por meio da minha mãe, que tinha o desejo de fazer música, mas não teve a oportunidade, o que a fez me levar para fazer musicalização no projeto de música Lauro Sodré como uma atividade extra no contraturno da escola. Embora com certa dificuldade, aprendi a tocar flauta doce e a ler parcialmente a partitura e desenvolvi a coordenação motora. Fiquei no projeto por cerca de 2 anos e, durante esse período, me apresentei com meus colegas, tanto no espaço do projeto quanto fora, como também no Instituto Estadual Carlos Gomes, meu primeiro contato com o que viria a ser minha futura casa de música.*



# Revista Amazônia Jovem

## Samba in Paris

[Thyfani Nycolly Botelho Conceição]



Samba in Paris é uma música que expressa o sentimento que um homem tem por sua amada, ele diz várias coisas que envolvem os dois e, uma dessas coisas foi o evento que houve em Paris e que ocasionou no nome dado

à música. Neste evento, ele conseguiu organizar um samba em Paris, e nesse trecho da música ele

diz: “fiz um samba em Paris, ‘só ‘pra te ver dançar...”.Essa música me lembra muito do meu namorado, um menino muito apaixonado e carinhoso, extremamente respeitoso e companheiro. Ele sempre deixou bem claro para todos que me ama, e principalmente para mim. Eu não duvido que ele seja capaz de fazer coisas inimagináveis somente para me ver feliz e sorrindo. Em um dos trechos mais famosos da música diz assim: “Nosso amor é lindo de se ver, meu azeite de dendê. Mais bonito que os corredores do Louvre...”. Nesta parte da canção, me lembro muito da gente, das nossas risadas, dos consolos, dos desafios e principalmente da leveza que é amar ele. Essa música foi composta pelo cantor e compositor Baco Exu do Blues, um cantor que é responsável por várias músicas, muita das vezes sentimentais e amorosas.

### Sobre a autora

*Thyfani Nycolly Botelho Conceição tem 15 anos de idade e é aluna da Escola Estadual Presidente Costa e Silva, em Belém do Pará. Nasceu no dia 19 de fevereiro, de 2010. Ela já participou de outras edições da Revista Amazônia Jovem. Seu tempo é dedicado a estudos e obrigações dentro de casa, tendo em vista o seu foco em passar no vestibular com 17 anos e se formar*



# Revista Amazônia Jovem

## Preciso me encontrar

**Artista: Cartola**

[Adiellen Pereira]



**É** uma música que mexe comigo, seu toque, sua letra e sua sonoridade. Desde criança, sempre fui tratada com muito amor e carinho, mas a palavra “muito” sufoca. É como se eu me afogasse mesmo com bóias ao meu redor. Mesmo com tantas pessoas, eu me sinto... tão solitária. Quando meu pai morreu, a atenção sobre mim aumentou e foi como se eles tivessem medo de me perder. Estou desistindo de ser perfeita para ser feliz. Eu quero fazer tantas coisas, falar como me sinto, porém, no

fim, eu me escondo, preciso me achar, me encontrar. Quero poder fazer aquilo que eu amo, poder ser quem eu quiser, mas não posso. Eu quero andar e poder me expressar na música. Sinto-me tão bem e leve quando meus dedos desabam no teclado. Um dia irei me achar!

### ***Sobre a autora***

*Adiellen Pereira nasceu em 17 de abril, de 2010. Estuda na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Ela gosta de tocar teclado e de jogos de tabuleiros, cartas e games on line.*



# Revista Amazônia Jovem

## Tempo perdido

**Artista: Legião Urbana**

[Alícia Syang]



A música que eu escolhi chama-se “Tempo perdido”, da Legião Urbana. Essa é uma música que faz parte da minha vida desde que eu me entendo por gente. Ela me lembra a vida que temos aqui na Terra. Muitas partes dessa música carregam um significado enorme, por exemplo: “veja o sol dessa manhã tão cinza”, tipo, tá tudo estranho, tudo meio ruim... Mas ainda existe esperança. Eu acredito que a música trata exatamente disso, das coisas boas e ruins. Outro

fator é que a letra reflete como as pessoas, muitas vezes, se preocupam com o passado e o futuro, e esquecem que o verdadeiro tempo que temos é agora. O Renato Russo questiona a ideia de “tempo perdido”, sugerindo que cada momento vivido tem valor, mesmo sendo perfeito ou imperfeito. E, para concluir, é uma música que me lembra muito a juventude. “Somos tão jovens” é outra frase que é afirmada na música: ser adolescente e entender que a vida é passageira, que nem tudo é para sempre, pois tudo tem começo, meio e fim. Porém, temos todo o tempo do mundo para fazer o que quiser e aproveitar cada segundo da nossa vida. Então, seja quem você realmente é, aproveite sua vida exatamente do jeito que ela está, porque somos jovens, mas uma hora iremos morrer e, até lá, faça história.

### ***Sobre a autora***

Alícia Syang nasceu em Belém do Pará no dia 27/01/2011. Estuda na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Ela gosta de ler, escutar músicas da MBP e de assistir filmes de terror.





# Revista Amazônia Jovem

## O caderno

Artista: Toquinho

[Ana Beatriz R. Monteiro]

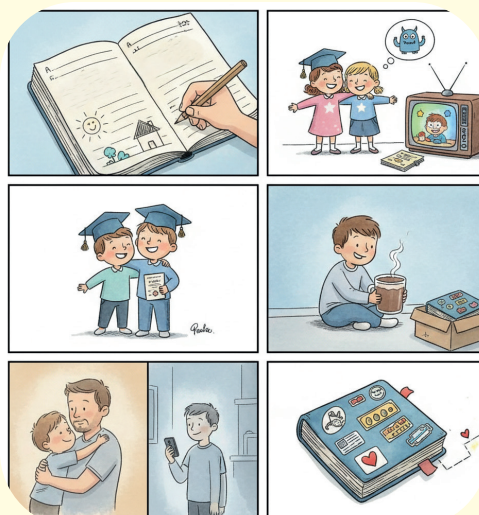


A música “O Caderno” foi escrita pelo compositor e cantor Toquinho. A história desta canção é basicamente sobre um caderno que acompanha a infância até a adolescência. Ela conta sobre os primeiros rabiscos, como o “bê-a-bá”, os primeiros desenhos e textos. A canção reforça que o caderno é seu confidente fiel. Esta canção me lembra de quando eu me formei com o meu irmão e quando era tudo fácil, e isso traz aquele sentimento de nostalgia e saudade daquele tempo. Eu amava essa música, pois ela me lembrava de quando eu acordava de manhã para assistir desenho enquanto tomava achocolatado. Bate aquela saudade, porque hoje

tudo mudou e temos responsabilidades. Sentia saudades de quando meu pai morava comigo, e hoje em dia tudo esfriou. Percebo que tudo valeu a pena, apesar do sentimento de nostalgia.

### Sobre a autora

Ana Beatriz tem 15 anos e estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Suas atividades preferidas são assistir filmes, escutar músicas e ter um tempo de qualidade com as pessoas que ela ama.



# Revista Amazônia Jovem

## Todo homem

Artista: Zeca Veloso

[Ana Clara]



Essa música me faz lembrar de uma pessoa muito importante para mim, que é minha mãe, e a música é chamada “Todo homem”, que é uma composição do Zeca Veloso. Ela fala sobre a importância da mãe na vida de uma pessoa, porque o que seria de mim sem a minha mãe? Uma das pessoas que eu mais amo no mundo e que é muito especial para mim, sempre foi bem claro o amor que ela tem por mim e agradeço por tudo que ela fez e

faz por mim, também nunca deixou faltar nada, sempre pensou e com certeza merece o melhor. Espero que um dia eu possa retribuir tudo e dar muito orgulho. Eu poderia passar horas, pois não me faltam coisas boas e não tenho palavras para expressar o quanto eu a amo e sou grata. Minha mãe é minha voz, minha luz, meu som e eu a amo muito.

### Sobre a autora

Ana Clara tem 14 anos de idade. Nasceu em 16 de dezembro, de 2010. estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Ela gosta de escutar músicas da MPB e de arte.

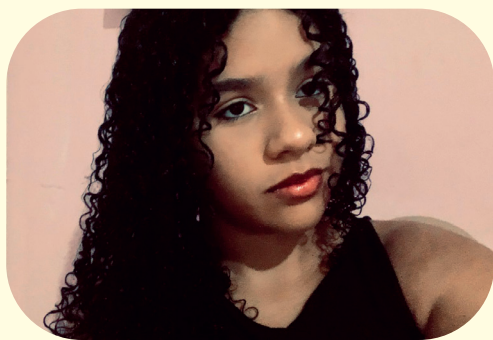


# Revista Amazônia Jovem

## O Sol e a Lua

**Artista: Pequeno Cidadão**

[Arianne Rafaele]



**E**ssa música é em homenagem a relação dos meus pais, sobre o meu pai querer se relacionar com a minha mãe na adolescência, só que ela não dava bola pra ele pelo fato de ele ser o brincalhão e mal exemplo, ele gostava dela há muito tempo, “desde a época dos dinossauros, pterodáctilos, tiranossauros, quando não existia bicicleta e motocicleta”, quando minha mãe estava no 3º ano do ensino

médio ela começou a gostar dele, só não aceitava isso muito bem, “mas a Lua achou aquilo muito estranho, uma bola quente que nem toma banho”, no início meu pai nem demonstrava, tipo dando presentes, flores, chocolates e entre outros, até que um dia na sala de aula, ele entregou flores para ela e pediu ela em namoro, e advinha, ela aceitou, depois de tanto tempo ela o levou no maranhão para assumir ele para os meus avós.

### **Sobre a autora**

*Arianne Rafaele tem 14 anos. Nasceu no dia 25 de fevereiro de 2011. Estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Em seu tempo livre, gosta de treinar e assistir a filmes e séries.*





# Revista Amazônia Jovem

## A morte do autotune

*Artista: Matuê*

[Carlos Michell da Silva Alves]



No meu fone, escuto músicas em que encontro paz, mas aquela música me lembra uma fase que passei, “a morte do autotune” do Matuê, em que toca aquele verso: “Eu não sei para onde ir... Sinto um vazio por dentro, me escondo para fugir desse sentimento, guardei meus segredos, repeti meus erros, mas ainda estou aqui, perdido no tempo, me sinto tão só”. Ao ouvir, lembro do vazio que já senti, aquele vazio que faz o tempo parar e me sentir só. Para onde irei? Eu guardei meus segredos, tentava me esconder desse sentimento, mas ele sempre estava lá; meu refúgio sempre era o fone e músicas que me tiravam ao menos um segundo daque-

la sensação de estar perdido em um vazio. Sempre que eu escuto esse verso, lembro que superei aquela fase. Tenho um amor imenso por música; as músicas me trazem lembranças. Existem muitas músicas que eu poderia escrever, mas essa me lembra um momento importante da minha vida e posso dizer que eu, Carlos Michell da Silva, não vivo sem música.

### ***Sobre o autor***

*Carlos Michell Silva Alves nasceu em 17 de setembro, de 2010, em Belém do Pará. Ele estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. É um amante da música e do futebol. A música faz parte da sua vida, lhe servindo de inspiração e animando seus dias. Quando ele não está ouvindo canções, gosta de jogar futebol com seus amigos e sempre busca*



# Revista Amazônia Jovem

## Metamorfose ambulante

**Artista: Raul Seixas**

[Ellen Gabriele P. Morais]



Apesar de nem sempre serem boas memórias, essa música sempre me lembra minha mãe, apesar de ela sempre a ouvir, ela não é nada parecida com a letra, sendo cabeça dura até o fim com a opinião dela, estando certo ou errada, essa música me lembra domingos, sejam de manhã, a tarde ou a noite, ela sempre repete essa música, pelo menos duas vezes ao dia, quando escuto lembro do cheiro de cerveja, lembro de reclamações sobrepondo a música sobre o dia no trabalho, o cheiro de desinfetante enquanto ela limpa ao som, da música eu só sei que ela sempre foi adequada para todos os momentos que passei com ela, a música fala sobre mudanças constantes, sobre humor, ela é bastante adequada para resumir minha mãe que tem mudanças drásticas de humor, ora rindo, ora irritada e gritando, eu lembro dessa música com o gosto de feijão da minha mãe, com o som de suas reclamações, com o cheiro de sua bebida e conforto acima de tudo.

### ***Sobre a autora***

*Ellen Gabriela Damasceno Morais tem 14 anos de idade. Estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Ela adora ler e desenhar.*



# Revista Amazônia Jovem

## Domingo de manhã

*Artistas: Marcos e Belutti*

[Guilherme Nascimento]



Oi, meu nome é Guilherme e eu vim contar minha história com uma música do Marcos e Belutti que me lembra minha falecida bisavó. Sinto saudades dela, das conversas, dos abraços e dos apelidinhos. “Meu príncipe” era o meu favorito, mas, enfim, infelizmente ela se foi e sinto que vou ficar em luto eterno. A dona Sonia, nome da minha bisa, era uma pessoa muito alegre, que sempre deixou a família alegre, sempre deixando tudo colorido, em um certo domingo, vou a casa de minha bisa e minha tia está lá, falou que minha vó gostava muito de um cantor, Luan Santana e que tinha um trecho de uma música fala “mas eu podia estar ali, te perturbando domingo de manhã” então lá vou eu, lembra que a acordava pulando em suas pernas e falando “acorda vó, já é domingo, é de manhã e se neto favorito está aqui”, então com um sorriso no rosto ela me bate falando “todo domingo é isso, mas eu te amo meu príncipe” e hoje em dia infelizmente ela se foi, mas ficou guardada em minha mente, essa música sempre me lembra dela.

### **Sobre o autor**

*Guilherme Nascimento tem 15 anos de idade e cursa o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Seu passa tempo é jogar futebol e utilizar o telefone.*





# Revista Amazônia Jovem

## Nem se despediu de mim

*Artista: Luiz Gonzaga*

[Henrique Gabriel]



Essa música me lembra da minha vizinha que faleceu em 2014. A música me lembra dela, pois ela morreu e eu não tive oportunidade de me despedir. Infelizmente, não consegui nem ir ao enterro. Minha vizinha sofreu muito, ela gostava muito dessa música, então acabei pegando o costume. Ainda sinto muita falta dela. Quando eu mais precisava de alguém, era ela que estava lá por mim.

### ***Sobre o autor***

*Ele estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia.*



# Revista Amazônia Jovem

## Jesus chorou

**Artista: Racionais MC's**

[Jhonata Henrique]



Essa música, para mim, é muito boa. A segunda parte dela me faz pensar muito na minha mãe, na parte em que fala “ô mãe, não fala assim que eu nem durmo, meu amor pela senhora já nem cabe em Saturno”. Quando eu escuto essa música, acabo pensando muito na minha mãe, até porque quem não pensaria? Eu tenho um amor tão grande por ela, pois, além de ela ser minha mãe, ela me deu o amor que eu precisava e eu estou disposto a dar tudo em troca. Eu fico triste em saber que ela já foi da vida errada e agora ela está pagando pelos seus erros, mas

em breve ela vai sair e não é vergonha dela, não. Sei que ela está muito arrependida e, quando ela sair, vai seguir o caminho do Senhor. Essa mulher é minha rainha, ela me inspira a nunca desistir e seguir em frente, pois eu sei pelo que ela já passou, mas continua em pé e intacta. Para mim, ela é uma guerreira e, por fim, te amo, minha rainha.

### ***Sobre o autor***

*Ele estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia.*



# Revista Amazônia Jovem

## Moldura de um retrato

*Artista: Os Karinhas*

[Karolyne Mendes]



**E**u escolhi essa porque é uma música que me traz nostalgia, me lembra um garoto que eu conheci na escola no 6º, quando eu tinha 11 anos. Lembro perfeitamente do dia, era dia 18/10/2022 quando começamos a conversar em um sábado à noite. Na época, aquilo para mim foi algo mágico; eu ficava besta com uma mensagem e ficava com vergonha quando o via. Foi meu primeiro amor e ele tinha 13 enquanto eu tinha 11. Eu gostava muito dele, eu era criança, né? Então nunca tinha sentido nada assim antes. Ele era conhecido na escola, tinha vários contatinhos e eu? Era só uma menina apaixonada pela primeira vez. Eu saí daquela escola e nunca mais soube dele. Foram dias, noites e tardes durante muito, muito tempo pensando nele.

Foram 2 anos de “será que ele ainda está vivo?”, “será que ele lembra de mim?”. Depois de quase 3 anos, eu reencontrei ele e vi que ainda sentia o mesmo sentimento de quando éramos mais novos. Nada havia mudado e, de repente, veio a sensação de nostalgia. Eu estava de novo em 2022 e tinha voltado a ser aquela garotinha apaixonada.

### ***Sobre a autora***

*Karolyne Mendes estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Ela gosta de andar de moto e de passear.*





# Revista Amazônia Jovem

## Rei e santo

*Artista: Canção e louvor*

[Laila Lorrani]



**E**u amo essa música porque ela me lembra de Jesus Cristo, o único e suficiente salvador, e que ele tem poder para fazer o impossível, pois ele é o todo poderoso “rei e santo”. Me faz lembrar que ele é perfeito, lindo, cheiroso, maravilhoso, glorioso, santo, rei dos reis; me faz lembrar que ele sempre vai estar do meu lado e que eu tenho um pai muito poderoso. Não tenho nem motivo para ter medo de alguém ou até mesmo de Satanás, pois ninguém consegue ficar de pé diante do meu pai, até porque ele fez o céu, a terra, o mar, a floresta, os animais e os seres humanos, que são muito ingratos e horríveis. Ele vai estar comigo em meio às

dificuldades. Eu não digo que, quando Jesus estiver do meu lado, não vai ter dificuldade; na verdade, seria pior suportar sem ele do meu lado.

### ***Sobre a autora***

*Laila Lorrani nasceu em 01 de dezembro, de 2010. Ela gosta de ir para a igreja e servir a Jesus Cristo, de ler livros da Bíblia e alguns livros de romance.*



# Revista Amazônia Jovem

## Exagerado

Artista: Cazuzza

[Livia Beatriz]



Na minha adolescência, só consigo me lembrar de uma música em específico que retrata exatamente minha infância feliz, a música “Exagerado” do Cazuzza. Mesmo que seja uma música que retrata somente paixões e coisas amorosas, minhas lembranças não são dessa maneira. Somente ao escutar essa música, muitas lembranças vêm à minha cabeça. Consigo lembrar plenamente de quando morava em minha casa de dois

andares em frente à praia. Minha vó era fascinada por músicas com esse estilo, ela colocava praticamente todos os dias e, mesmo sem entender direito, sentia que aquela canção me fazia sentir uma coisa diferente, uma paz ou coisa desse tipo. Estava sempre tocando em um lindo pôr do sol. Era nesses momentos que minha vó estava sentada em uma cadeira de praia com o sol se pondo e iluminando seu rosto, enquanto eu estava a brincar nas águas da praia. Sei que são apenas momentos, mas sei que lá eu era exageradamente feliz.

### Sobre a autora

Livia Beatriz Silva Alves nasceu no dia 17 de setembro, de 2010, em Belém do Pará. Ela estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. É apaixonada por vôlei e por cantar, duas atividades que fazem-na muito feliz. Sempre busca novas formas de se expressar e se divertir, seja dentro de quadras ou no palco!



# Revista Amazônia Jovem

## Visceral

*Artista: José J.R*

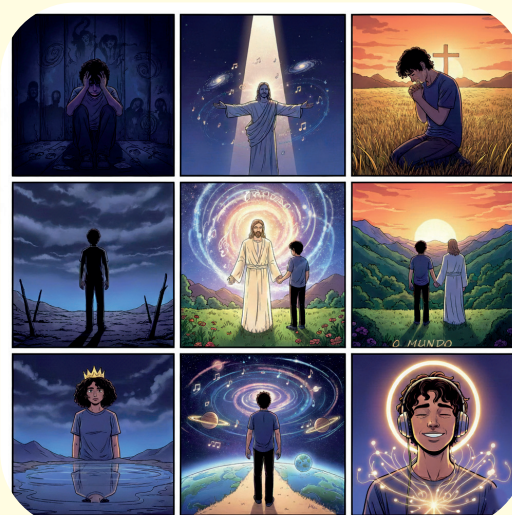
[Maria Eduarda]



Essa música é uma das minhas favoritas porque ela me mostra o quão dependente eu sou de Jesus. Toda vez que eu escuto, eu me pego pensando o quanto sou grata por ter Jesus na minha vida. Se não fosse por ele, eu já não estaria mais aqui. Essa música me fez enxergar o mundo de uma forma diferente.

### ***Sobre a autora***

*Maria Eduarda nasceu dia 28 de setembro, de 2009. Ela estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Gosta de escutar música, de ler, desenhar e pintar.*





# Revista Amazônia Jovem

## Love

**Artista: Wave to Earth**

[Mariane Teixeira]



A música “love” é uma música calma, refrescante e leve. Posso relatar que a conheci em 2024, mais corretamente em uma tarde de junho. Eu estava navegando por aplicativos, buscando me distrair ou achar algo interessante, até que, em certo ponto, recebi uma notificação de minha melhor amiga. Abri a mensagem e era uma música, “love”. Ouvi a música, avaliando-a e prestando atenção na letra. No início, confesso que não gostei, achei chata e lenta. Porém, quando menos percebi, era uma de minhas favoritas: o ritmo, a melodia, a letra, o som dos instrumentos. Eu adorei a música e, hoje em dia, gosto dela ainda mais. Também mudei de estado e não falo mais com meus amigos; confesso que sinto falta deles e, sempre que escuto a música, tenho o sentimento de ainda estar com eles e sempre bate nostalgia. Acho incrível como podemos guardar lembranças e recordações em nosso consciente, apenas por simples cheiros, músicas, cores etc. Nunca vão ser apenas detalhes e sempre vou guardar lembranças.

### ***Sobre a autora***

Mariane tem 15 anos, nasceu em 08/05/2010. Ela estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. No seu tempo livre, gosta de ler livros sobre escritores como Fiódor Dostoiévski, Edgar Allan Poe e Franz Kafka. Também gosta de tocar violão, desenhar, ouvir música e cantar.



# Revista Amazônia Jovem

## Eleanor Rigby

**Artista: Os Beatles**

[Paulo Victor da Silva]



Essa música fala sobre a solidão das pessoas excluídas do seu grupo, como eu fui em uma escola passada, e também fala sobre o fato de as pessoas lembrarem das outras só quando morrem ou depois de muito tempo, assim como com os meus parentes. A música retrata muitas coisas desse dilema. Você deve amar enquanto está viva: “Eleanor, a mulher solitária que morre na igreja e ninguém vê”. A música fala sobre a vida moderna, mesmo em lugares em que deviam haver conexões com pessoas ao seu redor. Resumo de tudo: coloque-se em amor enquanto está vivo.

### Sobre o autor

Paulo Victor da Silva nasceu em 5 de setembro, de 2011. Ele estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Gosta de brincar futebol, tênis de mesa e de ajudar sua mãe nas horas vagas.



# Revista Amazônia Jovem

## Naquela mesa

**Artista: Nelson Gonçalves**

[Rebeca Libório]



O meu avô foi mais que avô, foi um pai, me ensinou a amar diversas coisas e, entre essas coisas, está o cantor Nelson Gonçalves; as músicas são acolhedoras. Meu avô morreu no dia 25/12/2022, no Natal, uma das datas que eu mais esperava. Eu fiquei perdida e sem rumo, mas sempre lembrava do vovô falando: “Rebeca, coloca Fagner para a gente escutar”. Eu sempre colocava a música “Naquela Mesa”, minha música de conforto. Como pode, né? Sentir a pessoa mais perto só de escutar a música que vocês amavam; o luto é uma dor que nunca passa, não diminui, mas infelizmente temos que seguir e hoje eu sigo e canto a parte da música “naquela mesa ele sentava, a gente contava contente o que fez de manhã e nos seus olhos eram tanto brilho que mais que seu filho eu virei seu fã”. Além de neta, fui sua filha, te amarei para sempre, pai.

### Sobre a autora

Rebeca Libório tem 14 anos de idade e nasceu no dia 21 de fevereiro, de 2011. É apaixonada por Jiu-Jitsu e treina regularmente para aprimorar suas habilidades e competir. Além das artes marciais, ela ama passar seu tempo na praia, estar perto do mar e do sol. É uma de suas atividades favoritas. Gosta de aproveitar cada momento, seja relaxando na areia ou nadando nas ondas. Essas são algumas das coisas que a definem e que fazem parte da sua vida!





# Revista Amazônia Jovem

## Eu tenho você

**Artista: Marcelo Markes**

[Tayla Emanuela]



**E**sta música é cristã, eu a escolhi porque me lembra muito a época de quando eu ainda estava no começo da minha vida cristã, quando eu não servia a Deus. No começo eu não gostava muito de ir aos cultos, mas minha irmã era bastante insistente então eu ia, até que comecei a gostar, eu percebi que o meu propósito no mundo é servir a ele, amar como ele nos amou, eu fui batizada no adventista, mas sai porque mudei de casa e a igreja ficou longe então comecei a frequentar a quadrangular na qual estou até hoje.

### **Sobre a autora**

*Tayla Emanuela Pinheiro Melo tem 15 anos e faz aniversário no dia 24/07/2010. Estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia. Seus hobbies são jogar vôlei, passear e conversar com os seus amigos.*



# Revista Amazônia Jovem

## Naquela Mesa

**Artista: Nelson Gonçalves**

[Wanessa Grazielly]



Essa música me traz inúmeras memórias de minha bisavó, dona Maria do Socorro. No início da música, o cantor relembra os momentos com uma pessoa amada: “Naquela mesa ele contava histórias que hoje na memória eu guardo e sei de cor”. Isso me lembra suas histórias cativantes, que eu não me cansava de ouvir. Na segunda parte da música, “Eu não sabia que doía tanto, uma mesa num canto, uma casa e um jardim”, esse trecho da música sempre me emociona por lembrar de quanto minha vó amava aquela casa e amava sua família, seus netos e filhos. Já faz quatro anos que ela partiu e quatro anos que um pedaço de mim foi embora. Em outro trecho da música, ele diz: “Naquela mesa está faltando ele e a saudade dele está doendo em mim”. Essa parte expressa o que eu e minha família sentimos com sua perda. Minha avó era rígida, mas nos amava muito. Seu amor por nós nunca morreu, sua força continua viva dentro de nós, porque ela passou isso para cinco filhos e eles seguiram seus ensinamentos de geração em geração. Ela sempre será lembrada como uma mulher forte e temente a Deus, com um sorriso no rosto. Meu amor por ela só cresce e minha admiração também.

### ***Sobre a autora***

Wanessa Grazielly tem 15 anos de idade. *Estuda o 9º ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia.* O que ela mais gosta de fazer é cantar e ouvir músicas.



# Revista Amazônia Jovem

## Edições anteriores



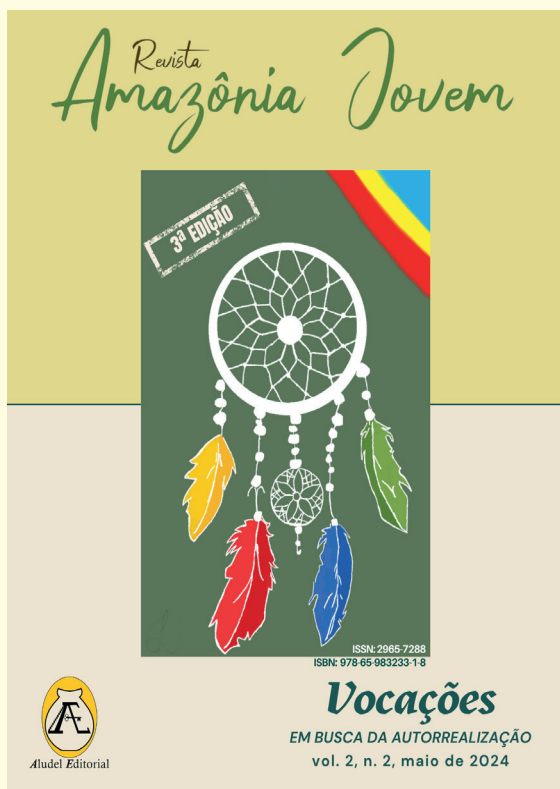
1ª edição



2ª edição



# Revista Amazônia Jovem



3ª edição



4ª edição

# Revista Amazônia Jovem



5ª edição



6ª edição

# Revista Amazônia Jovem



7ª edição



# Revista Amazônia Jovem



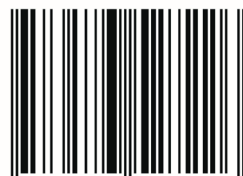
Acesse o site da Revista  
Amazônia Jovem pelo  
QR Coad.

# Revista Amazônia Jovem



**Aludel  
Editora**

ISBN: 978-65-83527-22-6



9 786583 527226